

a noite de eros fluxo cênico tiba bruno

“El mismo Kant en su Crítica de la razón pura había sostenido que era facultad de la “imaginación trascendental” unir las contribuciones de la intuición sensible y de la actividad conceptual espontánea en una unidad de conciencia; Schiller había llevado la afirmación de Kant incluso más lejos; y Fichte la había radicalizado completamente (como era típico en él), afirmando que «la entera empresa del espíritu humano proviene de la imaginación, y esta última no puede ser captada si no es a través de la imaginación misma”

Pinkerton: Hegel, una biografía.

1

depois que eu acordei fui lá olhar do lado de fora da porta me lembrar de você você ficava sentada na pedra do quintal o mistério dos olhos se derramando as violetas se derretem os teus seios se dissolvem pesados de sol quando tocam as flores elas se transformam tudo era transformação essa manhã mas podia acontecer comigo também de verdade não podia e eu seria de novo o teu machinho amado que também fui muita brilhantina no cabelo negro tão cheirosos a alfazema que você usava o colarinho da camisa de seda azul manchado de água debaixo do cabelo molhado e você com o maiô e a faixa da miss brasil tirando o salto alto me abraçando e beijando na boca isso era assim que tinham me dito que a vida era para ser assim perfumado só isso mais nada nem ter que negar a esperança na força do amor que eu esperava das pessoas até que tivesse encontrado todo esse amor em alguém e eu encontrei todos juntos que eu perdi numa só pessoa que é você abigail só para te perder também mas talvez esteja mesmo valendo a pena todo esse meu amor que eu perdi e essas saudades que eu sinto da vida e de você e ganhem sentido aqueles versos desbocados e algumas cicatrizes fundas na alma e as feridas a ferro quente nos olhos que me fazem brotar à força e contra a minha vontade esses versos de plástico e essas flores de fogo que me sobem do coração quer saber abigail fazer reparações ao deus dos deuses eu já fiz mas não vou mais me rebaixar perante o seu poder porque me retratando ou não ele será sempre o mesmo canalha injusto cruel e perverso o senhor dos sofrimentos humanos mas não vou negar que gostaria de ter um fígado inviolável ao bico e às garras da sua águia sedenta e fedorenta mas agora o meu viver é sofrer assim mesmo e sempre será assim mesmo os deuses bebendo dos sangue dos seres que murcham eu não deveria me revelar assim tão cruelmente para você talvez fosse melhor me cobrir e em defender mas totalmente inviolável e impermeável talvez eu não conseguisse pensar em nada e ainda que conseguisse não conseguiria expressar meus pensamentos com palavras e ainda que conseguisse não conseguiria expressar meu pensamento e ainda que conseguisse não conseguiria me fazer entender e tudo seria novamente um sonho como o sonho dessa noite você estava bela inviolável em tua memória onde vivo sozinho contigo para sempre imaculado nela sou como quero prefiro o fígado sanguinolento aos servos da virtude é verdade prefiro o meu suplício e o meu perfume de falsas violetas aos mansos ao deus dos deuses por isso abigail só penso faço e escrevo

o que quero e no final dos trabalhos e dos dias todo olhado de sangue em chamas por dentro eu tenho dor de cabeça à francesa traduzo os trovadores provençais e jogo um antiácido no radiador do coração para seguir em frente não você não morreu ainda mastiga as luvas e deseja as uvas que eu rocei nos teus lábios ontem à noite e guardei para o café da manhã com trufas mas confesso que ainda sinto medo como um mortal comum porque você não está aqui e eu tive um pesadelo na pressa de ocultar o corpo o embalsamamento foi mal feito durante a noite coloquei durex e cola de farinha de trigo nos teus joelhos e agora estão se desmanchando para valer os dedos dos teus pés esquerdo mesmo assim abigail você ainda é aquela índia braba de pele cor de damasco se negando a obedecer mesmo morta eles não podem contigo quem vai criar de novo um ser tão desejável e belo pela manhã depois de uma dor lancinante porquanto ainda me saía muito pus das cicatrizes fixei um esparadrapo nas partes mais frágeis da tua múmia e me tranquei dentro do meu corpo sozinho contigo para te desenhar enquanto esperava o farmacêutico com a benzetassil e mais um vidro de formol para tuas frágeis unhas e então te pintei como um loba vermelha de pé sobre o penhasco onde estou cativo caso a tua múmia não se desinfete se deteriore e eu tenha que abandoná-la numa lata de lixo das redondezas você estará aqui para sempre personificada em tintas potente vigia guarda meu sentimento humanos dos vampiros de almas você deus que sobrou com que eu falo sobre a minha morte em vida e te conto mais uma vez caso você ainda não tenha escutado a última caminhada ao teu lado no calçadão o dia úmido o amanhecer nublado apenas os pássaros e os cães órfãos nos acompanham isso acalma minhas noites de insônia mas mesmo assim essa manhã não consegui reconstruir o corpo que já está em ruínas eu estou mesmo em ruínas quando acabam os dias e os sonhos e o dinheiro da tua poupança acaba eu passo fome já tentei encontrar um lugar ao sol no sol deles quero dizer mas é inútil porque eles sempre me chutam e me humilham o fato é que eu não sou um canalha como eles agora desisti de vez para sobreviver vendo nas praças quadros que pinto quadro reproduzindo coisas que não existem nos botequins falo poemas em troca de moedas poemas que escrevo que não interessam a ninguém eu sou mesmo o que você falou um bicho triste e em ruínas eu sinto uma tristeza com dentes às vezes essa tristeza que quando chove me empurra para as ruas Hoje mais cedo saí atrás de alguma coisa que me ajudasse com essa tristeza e as cicatrizes aumentaram não consegui porque as cicatrizes permanecem aumentando apesar ou por causa da tristeza mas quando não vejo as cicatrizes e só a tristeza sofro também nunca jogo a culpa toda em você a culpa é toda minha eu sei tenho certeza que você fez o que pode sofro por causa de algumas experiências preciosas que tive e que me destruíram um pouco nos últimos tempos e dessa experiência comecei a ser um novo eu mesmo agora só o que quero é ficar sentado calado sozinho dentro do meu corpo diante do fogo porque se me mexo sou como era antes como os outros aqueles caras que você fala supermarionetes puxados por fios invisíveis que se cozeram neles exatamente nas suas tristezas e nas suas cicatrizes não o mundo dos vampiros é essa teia que pega as pessoas e as pessoas ficam ocupam seus lugares marcados no coração da aranha nos desejos da aranha então elas são as filhas da aranha as tais pessoas não reconhecem as minhas tais experiências preciosas que me libertaram dos venenos da civilização agora consigo me sentir um pouco a salvo dela meu deus se eu fosse te contar abigail primeiro a visão da aranha nua com seu quepe negro os olhos esbugalhados pendurados na teia dos seus seios misturado ao matraquear constante da sua fina língua numa infinidade de pontos onde ela instalava as linhas telefônicas eu sei abigail eu fui uma marionete sem fios perfeita todos esses anos e ainda me sinto muito assim essa manhã marionete às vezes eu nada quero e meu pombo interno de tanto sofrimento quando me perco nas ruas aprendeu a voltar para casa sozinho sem saber de onde vinha quem era onde

tinha passado a noite às vezes vestido com roupas que pertenceram a alguém que ele nunca tinha visto e que jamais descobrirá que era na verdade eu acredito que os verdadeiros pombos nunca sabe mesmo o caminho apenas desejam mesmo com tanta intensidade voltar que agora eu estou aqui honestamente eu gosto de estar assim sozinho sentado nu diante do fogo todos mortos para mim agora o que restou eu recupero um pouco os traços do meu rosto isso me acalma o banzo o blues o funk sinto que ainda devo dançar um pouco ao som das pernas chutar as forças primitivas coaguladas nas colchas duras em que me envolveram o corpo em remorso e calmaria abafada uma vida inteira o corpo guardado numa caixa de roupas frias quando eu me abri percebi que haviam sido despidas pelos outros outros que ainda estavam vivos lá dentro donos das nossas vontades das nossas vidas jamais pressentindo nossas dores e nossos cheiros de dignitários passageiros para onde não sei onde mas deixando em nossas carnes o odor dos cravos e no fundo dos nossos olhos a expressão de múmias ainda vivas que me olham dali e elas são tão reais ainda tão nítidas porque há um profundo tom azul e sentimentos arroxeados gritantes essas passas molhadas em seus olhos que me dizem que eu deveria mesmo procurar exatamente aquilo que não desejo encontrar dentro de mim em mim encontrei meu destino naquela noite ao teu lado tropeçando na manhã seguinte na beira da cama num casaco de peles que ainda estavam quentes da carne de onde foram despidas entre as minhas mãos misturadas com as roupas íntimas dos infelizes massacrados contigo porque os homens e as mulheres que saíam de ti de m manhã estavam incandescentes e seus sentimentos gritavam como fogos que tivessem sido esquecidos se não fosse por minha dor todos teria sido destruídos em sua humanidade todos agora todos nessa poesia eu reacendo nossas chamas desde agora para que nunca se esqueçam do passado e dos nosso massacre quando eu ainda era o pombo cansado como um pombo eu fui treinado para voltar e morrer em paz em minha própria casa agora a casa é tão vazia escuro nu ar abafado uma lâmpada queimada os ratos nos cantos tristes seus grandes olhos fundos fumando guimbas de cigarros sem filtro sorrindo para mim esperando que eu morra para fazer seus ninhos de jornal do brasil nas gavetas dos arquivos do meu corpo meus pés estão ficando vermelhos como lesmas sanguinolentas carregando meu corpo de cimento e celofane os mamilos duros de medo estou morta toda cheio de flores mas nunca gostei de flores nem de espelhos o cetim o perfume e meu rosto viraram pó sobre os ombros meus cabelos meus dedos escorrem eu choro de meter medo no espelho o rosto cheio de rugas duro de dor dobrada pelos joelhos eu me entrego o relâmpago me atravessa me fulmino e me apago acendo um cigarro no fundo a fantasia dos teus ombros criando asas crepitando de suor não durmo nunca o sono não cabe no meu corpo às sextas luto com um louco cego de unhas afiadas aos sábados fico cega e corto as unhas domingo chego a ser freira segunda feira volto a ser fera atrás do teu cheiro de seda velha grudada no meu corpo dispo as cortinas não uso penicilina para curar o fruto podre da minha vida meus vazios sussurro os teus vazios por dentro dos olhos todos meus ex-amantes me chamam grudados na memória o que esse tem de cigano aquele tem de faminto e fixos em mim os olhos que me mataram cuspo sangue pelos seios engulo toda água do chuveiro segunda-feira refaço a compra da semana mais miserável do que exausta do fetiche da faxina exausto pássaro de penas de feltro nu e deprimente pousado no chão do box saindo do ralo é você que vejo fedendo a cigarros se ardendo o teu olho único diante do fantasma da minha nudez o teu copo de uísque entre os objetos do banheiro escorro as unhas molhadas pelos gritos dos pombos acordando do outro lado da parede o roupão puído fica vazio coisa alguma dentro de mim a chuva engrossa deslizando pelos olhos molhados o espelho no ventre reflete o vento os cheiros do vazio no meu corpo sem sensações fui um utensílio no estertor do corredor todos os ladrilhos os móveis todos eu mesmo nua de molho no alho nozes cinzas

um cisne refogado em amarelo a poesia pronta para ser assada não gosto do gosto da minha carne na tua boca se abrindo e me vendo através da parede falsa onde eu me escondo mas talvez você volte e haveríamos de beber bastante e bebendo e rindo e aguardando a traição que sempre vem de uma louca falando sozinha numa cozinha num andar vazio no fim do mundo só eu me escuto e abro meu olho quadrado maquiado de triângulos para sair mas é difícil escolher onde ser amada pelos cães oblíquos das ruas quero chorar pareço um acidente pelo espelho do carro deixo ver meu coração abóbora que vira carruagem e minha máscara de cadela triste à meia-luz outra tequila no bar da esquina ele me puxa para dentro do copo e bebeu sou casado ele pergunta eu sou casada eu digo veias verdes lunares inflam seu pescoço ele me castiga e me confunde com minhas lágrimas na semana passada o gerente do bar quis um tango argentino e o perfume da mulher eu cantei nós somos felizes nós somos felizes avestruzes para sempre mas não há quem ouça minhas mãos ficando brancas meus gritos cínicos sorrindo saindo passando a mão negra pela fórmica do armário meu choro é uma coisa escura que vem de tarde e volta sempre com a lua cheia na janela e se eu começar a chorar para as nuvens meus velhos supercílio vermelhos como molho de tomate ressecado numa lata aberta ficarão novos de novo quando ela me ama em silêncio e me joga no chão e eu como toda a porcaria do mundo vestida com a pele de rato que ele comprou para mim num brechó e pede eu fico nua do lado de fora da janela o sexo enfeitado com um pano de prato sujo a múmia nua da cozinha eu danço como borboleta e vou soltando a carne moída devagar na boca dele e o pano de prato caindo mais devagar ainda vai revelando para a plateia da geladeira meu corpo ressecado num dia qualquer as carnes grudadas nas paredes tanto tempo debaixo do teu corpo tuas mãos estão grudadas em mim os bibelôs da tua cozinha aprenderam a cantar juntos o meu nome quando eu passo agora pelos teu sonhos de novo as guimbas queimam meus dedos no cristal da jarra do buquê de flores de rostos amarelos murchando de dor eu me olho com uma cara de louca que a umidade nervosa entrelaça de flores e delicadas facas visto as asas para pegar ciganos vou ficando impermeável o plástico do fim do mundo debaixo dos pelos da minha pele de rato os olhos do coração só enxergam o que é vermelho não preciso mais de olhos escuto com a língua novos vermelhos que querem dizer você é uma tola e se eu fechar a língua através das unhas posso ver os amassados da minha figura ausências faltas buracos cicatrizes fragmentos de unhas postiças sou nada e meu cheiro quente me quer bem meu cheiro quente me faz lembrar as assombrações da pessoas vivas que eu não quero me lembrar urino ferro nas flores do jarro guardo as delicadas facas na boca e saio por aí que tente lembrar de mim quem quiser aquela do fusca azul mal intencionado estacionado na esquina do pecado broto de novo em pedaços vermelhos e crio cheiros de vida no vinho novo onde conservo o coração batendo nesse tricô de vento que tece a conhecida sensação de ser de novo a velha jarra de ossos do meu corpo com a natureza híbrida de uma planta aquática celeste e semimorta ela me protege quando algo dá errado ouço o tom avermelhado ao me desmanchar como se fosse adquirindo o mesmo tom da pele do peixe do aquário ainda consigo me lembrar do aquário e de como eu era antes de ter enlouquecido por você depois quando me vejo completamente sem braços arrancando todas aquelas flores pálidas aquelas pétalas mornas aquelas plantas nauseantes e verdes então sou nova nova enfim como se me raspassem do passado com as unhas os velhos sonhos mal realizados que me entopem os desejos nova sendo jogada pelos meus pensamentos contra as paredes jogada pela janela junto com a jarra de flores parada de pé na porta do prédio louca e maquiada depois da tortura quando as grandes partes de mim se soltam aos trancos solavancos e barrancos contra toda a areia da praia de copacabana deserta no fim da noite e aos pedaços me decompondo eu me engulo moída aos bocados lentamente para dentro das vísceras as flores misturadas com sal sem

nome ainda não explicadas embrulhadas no meu estômago como um buquê barato de fim de feira que nem foram entregues ao amante eu danço a cigana ideal cheia de cores caindo de amores o corpo junto com o corpo do dançarino de tango de lábios grossos maquiado para o palco comendo margaridas numa fome infernal desde ontem quando eu ainda era a noiva do espetáculo Hoje depois de noite e cavalo e nuvem eu me deixei sequestrar por você prisioneira da tua cela a lua maquiada na tua sala com saudades de você que anda me destruindo aos poucos que canta para mim nos meus sonhos e eu escuto a poesia revoltada do amor percorrendo as tripas e sussurro aquelas velhas canções praieiras de medo e as cândidas palavras de amargura de um poeta negro num poema onde você não quis que eu te revelasse em versos os sentimentos esfrangalhados que brotam nos meus ossos lascados e aguçam no meu rosto espinhos cheios de pó como se eu fosse um animal bestial toda vestida de negro de verniz branco os lábios marrons a língua seca paralisada de um lado da face apenas um olho te olha o outro pendurado fora dos cílios vibra vermelho com aqueles pensamentos em você meu olho imita teus trejeitos assustados os pequenos reflexos do teu outro olho ainda úmido sem medo soprando sílabas órfãs os lábios camuflados de salsa a boca escura amarga da comida pesada do almoço de domingo bêbada de cerveja assobio sambas de gafieira um pouco nauseada dos teus braços o poema que fiz e não te mostrei paixão é um espécie de revolução e desmancho dentro das pernas entre o vermelho e o tapete laranja coração me colorindo de vermelhos cada vez mais vermelhos esmolambada no chão sem móveis nem música apenas olhos que me piscam me sussurram um ranger de caules em corpos secos quase silêncios agarrados com as mãos a fome sem som passando dentro dos prédios dentro de mim abala explode meu coração de novo coração de novo vermelho é a sirene que anuncia as explosões as munições pesadas que rebentam nos meus ombros nos meus músculos na minha sombra cavando buracos no tapete da sala que sempre resistiu bem para essas ações como o tapete vermelho do meu corpo sempre resistiu bem quando debaixo do teu corpo e dos teus sonhos coagulada e calada amolecendo e emagrecendo no carpete da sala a minha carne vai sumindo comigo em cabelos embaraçados em folhagens entrelaçadas em mãos cansadas suadas gemidas entre os olhos gritos refaço os gritos ouço outros gritos que reivindicam todos os meus desejos felizes fabricantes de viadutos não de corpos essas horrendas construções da minha mente em minha morte em vida inevitavelmente o silêncio fura a pele onde eu existo e me desgasto de mim contra ti mas já não me debato e me despedaço como na semana passada num quarto e sala minúsculo de uma rua escondidinha em copacabana eu protesto calada baixinho frases curtas decididas e justas logo reprimidas pela cavalaria que vem de você eu tive todos os rostos e as máscaras com que me envolvi de mim e de ti na ilusão de ser eu mesma agora enquanto perco o sono exalo os sonhos branca e sem sangue no tapete da sala cheio dos teus cabelos e do pó dos teus sapatos enquanto você não chega e dá a ordem para eu servir o teu jantar no teu silêncio eu escuto a frase que você não disse: sua puta

2

de novo é noite nossos dentes se entrelaçam nuvens no convés sinto que estamos fora da pele a dura cutícula do meu coração removida junto com o esmalte das unhas eu o amava como à lâmpada do poste dos fundos da casa longe solitário luminoso apareceu-me o marinheiro diante dos olhos uma noite inteira de vento como se fosse a lua encantava se apagava renascia uma fisionomia distorcida indo e vindo entre as roupas penduradas no varal no fim o velho sutiã desgastado por mãos alheias revelava um rosto triste e a cor de carne da saia de fustão trazia seus olhos marejados mas amanhecia a lâmpada ia embora a lua se apagava e o marinheiro sumia eu vivia ali secava as anáguas estendia os farrapos sobre o

arames do telheiro do comodozinho escondido nos fundos da casa foi então que caíram por sete semanas seguidas em ramos de silêncio a tarde e as chuvas sobre as jardineiras dos meus gerânios brancos a vida escorria embaralhada do lado de fora da vidraça desesperada de saudades e aguaceiro eu dolores a flor das flores prometi jejum e castidade até o fim nas águas e encontrar meu marinheiro esmagada pelo som da chuvarada embriagada entre as paredes emboloradas do quarto purifiquei o olfato jejuei noites e dias seguidos sem que as águas cessassem vivi confesso sem utilizar as mãos e sem sentir cheiros magro cinzento corpo inventando sombras nua depois das chuvas mergulhei na água escaldante do banho nadei ritmada na pequena cacimba de cristal mantive aquela dança de corpo íntimo exalava delicados gemidos do prazer uma cena de sonhos debaixo do céu de telhas furadas cessada a tormenta estavam as podridões lavadas e a carne purificada o frasco de cheiro em cima da cômoda terminado o banho tomei a toalha meti-me na combinação de flores perfumadas vesti-me o melhor que pude sobrara-me um resto de seios podia contar ainda com aqueles monturos miúdos para o dia a dia de comércio das suas pequenas porções de carne a vida era mesmo pouca depois do sacrifício e à noite me balançaria no defumado moquém das minhas costelas diante da freguesia dos marinheiros corpulentos dançaria ali pelas ruas escuras dos armazéns fedorentos do paraíso do cais do porto esperei na marquise da esquina parada de pé no meio-fio fui uma ninfeia nova boiando na poça estendi o nariz para o fundo da rua farejei a noite me lancei o mais depressa possível nos braços do primeiro marinheiro insensato que tentou me beijar e joguei minha rede de pescadora o mar foi inundado por um vento bom na noite em que os marinheiros chegaram exaustos dos crepúsculos pálidos das nuvens sedentos dos horizontes esvaziados os tonéis atracaram no bar do porto durante várias semanas se reencontravam com nas garrafas até que levantassem âncora para novas solidões despidorada madrugada entre o mangue e as paixões o porto clareava cheio de conversas marinheiras as mesas das tabernas encenavam histórias de navios seus imponentes velames contrastando com a simplicidade dos vestidos das mocinhas esforçadas nas vigílias respiravam o destino dos seus amores sonhados seus corpos cálidos incendiados pela fome divina no bar os marinheiros deliciosos livres da morte certa no mar encantavam nossos ouvidos quero esperar teu barco no porto suavemente a tarde derramando as sombras sobre as velas oh menina viver viver é chegar tão perto ao menos uma vez tão próximo tão vivo sou chamada pelas vozes e vou envolvida numa pele de um carneiro negro corro corro corro para o navio clandestino que atracou ontem ficar seria me matar de esperar pela volta dos homens embriagantes minhas amigas também correm para o navio enroladas na pele de outros carneiros brancas e sedentas flores a sair da caverna agarradas às amuradas como cracas nossas pernas aos beijos balançaram nas regiões infernais todo o cais foi um mágico plenilúnio doce a grande lua a estibordo o amor ah o amor é um forte acesso de dor ah o amor diante das pedras o mar o navio ancorado na baía ao lado do cais um parque de diversões o marinheiro um príncipe de espada na cinta sobre sua ampla cabeleira ruiva um chapéu de três pontas o punho da sua espada de coral 8o olho de um peixe mágico debaixo daquela armação de ferragens retorcidas do carrossel amêndoas vermelhas pintadas na lataria dos telhados descascados entre elas um pônei catatônico baio nos perseguia em suas crinas retorcidas carregavam o amor- menino na sua sela de cimento a música circense aos gritos trazia o cheiro da espuma na água encalhada da prainha amarelada ao lado do parque as velhas flores de plástico flutuavam sujas de óleo nós ríamos ríamos ríamos e não nos ouvíamos ríamos ríamos e não nos ouvíamos galopávamos garbosos eretos orgulhos os vivos cavalos brancos castanhos negros cheios de sono oscilando em torno do motor há muito muito tempo flutuavam ondulando adormecidos tínhamos comprado tíquetes para a noite eterna e circular eu dolores a flor das flores ria e ria

e subia e descia ria e ria e subia e descia num galope de máquina de relógio na quinta volta já sem graça esvoacei em silêncio sobre o alazão com a orelha esquerda quebrada atirada gritei para o marinheiro: quando fui menina colhia amoras e usava como batom era a primeira coisa íntima que eu ia lhe revelar entumeci os lábios e mostrei a boca corajosa e tímida a carne vermelha pintada com uma tinta fina se esparramou na toalha do rosto marcado tirando o dente quebrado que eu escondi eu me achava bela e dava pro gasto tu boquita parece uma florzita o marinheiro grego me disse eu dolores a flor das flores sorri me estiquei para a outra fila de cavalos subia e descia agarrada no pescoço do marinheiro uma gaivota branca esvoaçou sobre as ondas tocando com o bico a água da enseada branca eu dolores a flor das flores agora era como uma louca e beijei o cavalinho na boca

3

enquanto as plantas crescem meus dentes caem no abismo um novo amanhecer de trevas se ergue a cada dia as coisas que eu vivi as pessoas que eu conheci depois eu descobri que elas nunca aconteceram que elas nunca existiram as pessoas estão lá as coisas estão lá eu as toco toco eu as toco várias vezes mas nunca as atinjo como quem atinge o sol meus braços não são suficientes para chegar até elas minha cauda não consegue impulsionar meu veneno minhas escamas desbotam ressecam e secam logo serei pele nua superfície lisa me verei embaçada num espelho escorregadio entre dois silêncios as imperfeições que eu acumulei dariam para encher um caminhão de sal isso fui descobrindo aos poucos tardes contra tardes depois de um pequeno fracasso um fracasso atrás de outro fracasso comecei me achando uma pessoa que tinha um monte de defeitos cheguei ao cúmulo de sentir asco de mim mesma não conseguir chegar perto de ninguém de tanto nojo que sentia de mim passei a evitar as pessoas porque achava que elas tinham todos os defeitos do mundo então descobri que quem tinha os defeitos do mundo era eu mesma que fulano e sicrano era bom até debaixo d'água que eu estava ali por interesse pelo corpo dele pelo dinheiro dele pela facilidade que namorar ele me dava pela facilidade que namorar ele poderia me trazer de noite eu me encharcava me embriagava fumava fazia sexo passava era nada quando acordava de manhã não tinha um coração para dar para aquela pessoa que estava do meu lado que esperava alguma coisa de mim que esperava tudo de mim agora os raios do sol entram debaixo da minha pele e vão até o seco dos meus ossos correm por mim tudo e saem pelos meus olhos por isso enxergo agora cheguei a casar tive filho mas deixei pra lá com a avó lá dele que eu ia fazer com aquela criança com aquela gente toda lá do lado do pai dele nem conhecia eles direito meu filho coitadinho o pequenininho não tinha culpa de nada um dia eu olhei para ele e não sabia o que era aquilo que estava na minha frente de onde ele tinha saído pra que ele existia que eu tava fazendo ali que eu tinha para dar para ele por que eu tinha mesmo que dar alguma coisa para ele foi uma coisa horrível uma confusão muito grande na minha cabeça aquilo me fez muito mal me deu medo de estar ficando louca foi depois pensei em matar a criança pra ela nunca mais ele me olhar daquele jeito esperando que eu desse amor para ele eu ia ser presa claro mas ficava livre daquilo a pior sensação que eu já senti na vida alguém esperando amor de você e você não sentir nada absolutamente nada por ele foi depois pensei em me matar também mas não tive coragem porque isso eu não vou fazer porque eu não sou uma assassina se matar é matar alguém claro a senhora não concorda não eu nunca consegui responder a essas perguntas nunca consegui deixar de pensar nelas então eu descobri que já tava morta há muito tempo foi uma descoberta muito difícil mesmo vivo com esse cachorro dentro da minha cabeça dizendo o que eu sinto quando eu penso se estou viva ou não não sei não não estou morta porque os mortos não pensam só quem pensa são os vivos um tipo diferente de morte ah sei lá eu

acordei agora vou viver minha vida comprar pão pra tomar café com meu marido levar o pequeno para escola tomar a lição do grande que ficou na cama dormindo antes que ele seja reprovado não não sou como as outras pessoas assim não isso não meu pai eram pessoas boas meu pai meu padrasto né meu pai eu não conheci era uma pessoa ignorante mas sempre me tratou bem quase não falava comigo mas nunca me bateu nem gritou comigo eu também nunca dei motivo tive tive muitos namorados mas agora não namoro mais não senhora nunca mais não posso mais fazer isso com as pessoas tenho muitas marcas no corpo que eu não quero que ninguém veja no corpo sim no corpo sinto sinto uma cobra subindo pelas pernas ela perde as forças quando chega perto do meu coração e desce de volta pra sua toca ah cobra grande sucuri ah muito tempo é bem velhinha cachorro é sete anos cobra não sei foi foi depois de uma festa que eu fui e não quis dançar aquilo era coisa de quem não tinha o que fazer não senhora não senhora o menino ficou com o pai depois que o pai morreu com uma tia lá deles de vez em quando eu via mas agora não quero mais não dói muito sabe você se sente um sei lá o quê não sei é melhor não sabe eu faço gaivota quando fico assim e depois passa não não é gaivota de soltar voando é uns bichinhos pequeninhos de miolo de pão eu boto em pé em cima da minha cômoda minhas colegas pega pros namorados delas diz ao menos que fui eu que fiz poxa sei lá se elas dizem posso parar um pouco estou ficando cansada sim estou ficando triste não gosto disso a senhora sabe a senhora foi perguntar do menino começa a queimar aqui dentro queima queima sim sim eu sinto alguma coisa é diferente de não sentir nada sinto sinto muita raiva é verdade mas não sei se é isso que me afasta das pessoas nem gente nem bicho nem planta nem sei direito se eles existem como eu posso provar isso eu eu posso morrer a qualquer momento né se não existisse não achava que podia morrer é às vezes eu sou um bocadinho inteligente agora acho que não sobrou mais nada nem pra contar a história mas se a senhora quer ouvir não sou de correr da raia quem sabe se eu melhora né

4

gansos negros sobre sal branco em cada quadrado um ganso em cada olho um risco vermelho metem macios os pescoços contra as caudas asas contra asas se contorcendo o grande ganso macho abundante abandona uma quadrícula outro percebe persegue o macho com garbo natural de felino rápido a esparramada orquestra a grande árvore de frutos esfarelada na grande imensidão levanta voo a massa na planície todos se deslocam para céu um instante depois eles voltam pousados os mesmos nos mesmos lugares novo burburinho frouxo pescoços apontam para todo lado asas bicos dentes todos os momentos em todos os lugares murmúrios trágicos: o imenso cessa o silêncio cintilações de sombras rápidas rajadas de gritos ofensas em tons educados afetos traindo a presença do fundo ódio o avesso das asas as áreas de sombras se acumulam de novo se ergue a turba agressiva nova explosão no convívio inevitável famílias inteiras sobrevoam o mesmo céu grafismos negros em pêndulos perfeitos Ângulos sobre quadrantes invertidos eles despencam as quilhas todas são sempre um único remador sustentam um uníssono grito se enfrentam se odeiam se destroem se afastam outros contra outros tristes trágicos naufragos trôpegos ora mais sangue ora menos a vida repisam a fuligem úmida dos seus ninhos macios lutam pelos bicos pelas asas pelas garras depois se acalmam mães destruindo filhas pais destruindo irmãos avós destruindo avós À noite se esfolam furiosos sangrando manchas sobre o suporte do desespero esperança do sem saída suportar todos contra todos até o fim de novo se aninham assustados os rostos deformados uns contra os outros sobre o fundo de calíça líquida sonham seus silêncios de metáforas de memórias de medos são as penas noturnas que se movem em afagos sem vontade esquecem no solo dos ninhos um sono branco sem cheiros rápidos

relances imagens que mudam atingem seus olhos dormidos já um lago já uma restinga o caracol sem fim um rio doce sem lua sonham felicidades ao ar livre pinceladas rápidas as tintas frescas os dias claros as cores puras imediatamente se misturam em desgosto na superfície da tela geométrica imensa e esquecida a água apodrece e cansada se torna pedra sustentando os embrutecidos gansos adormecidos em seus esquadros de sal

1999-2026: corrêas/teresópolis